

ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA

ASPECTS OF THE DEVELOPMENT OF GEOGRAPHY AS A SCIENCE ASPECTOS DEL DESARROLLO DE LA GEOGRAFÍA COMO CIENCIA

Mayra Nayara Nair dos Santos¹

Resumo

A geografia percorreu inúmeras controvérsias, rupturas de ramos a serem estudados, projeções errôneas a respeito de sua importância como ciência e importantes enclaves para que hoje pudéssemos ter a Geografia no meio científico que conhecemos. Encontros e desencontros nos seus processos de evolução enquanto disciplina social foi um importante detalhe que levou a Geografia o caminho científico que se encontra atualmente, porém sua evolução ainda perdura uma vez que a compreensão sobre o socioambiental e o próprio estudo de objeto da Geografia não nos deixa dúvidas de que ela se inova a cada dia e seu processo dinâmico num contexto histórico tornou-se fascinante objeto de estudos. Assim, e tendo conhecimento dos seus traços, tendo ciência da sua importante reflexão sobre os contextos geográficos em que está inserida, este trabalho se justifica na medida em que nos possibilita um olhar sobre o aspecto histórico da Geografia nos fazendo refletir sob diversos aspectos incluindo sua importância para a compreensão dos caminhos da ciência geográfica no Brasil. Para isso, apoiamos-nos no objetivo geral que é compreender o contexto geográfico em seu viés histórico, tendo como suporte os objetivos específicos que é analisar como se deu o processo histórico da geografia como ciência; interpretar os movimentos históricos das lutas sociais como referências para a introdução da geografia como ciência na sociedade e entender a relação sociedade-natural entre Geografia Física e Geografia Humana. Para que pudéssemos alcançar tais objetivos, a metodologia percorrida para tal foram através de leituras bibliográficas e análises de sites que abordassem o assunto e pudessem contribuir com a referida pesquisa. Autores como Francisco Mendonça (2010/2014) e Nunes (2015), dentre outros, foram primordiais para nos orientar neste processo. Por fim, compreendeu-se que a Geografia perpassou por diversos fatores que a colocasse em uma via de mão dupla, mas uniu-se ao homem novamente quando este entendeu o real sentido da Ciência Geográfica no contexto histórico social e sua importância para conhecimento da dinâmica social global.

Palavras-chave: Geografia. História da Geografia. Geografia Física. Geografia Humana. Ciência Geográfica.

Abstract

Geography has gone through countless controversies, ruptures of fields to be studied, erroneous projections regarding its importance as a science and important enclaves so that today we could have Geography in the scientific environment we know. Meetings and mismatches in its evolutionary processes as a social discipline was an important detail that brought Geography to the scientific path it is now, but its evolution still persists since the understanding of the socio-environmental and the study of the object of Geography itself doesn't leave any doubts that it renews itself every day and its dynamic process in a historical context has become a fascinating object of study. Thus, and being aware of its features, knowing its important reflection on the geographic contexts in which it operates, this work is justified as far as it allows us to look at the historical aspect of Geography, making us reflect on several aspects including its importance for understanding the paths of geographic science in Brazil. For this, we rely on the general objective, which is to understand the geographic context in its historical bias, supported by the specific objectives, which is to analyze how the historical process of geography as a science took place; interpret the historical movements of social struggles as references for the introduction of geography in society and understand the natural-society relationship between Physical Geography and Human Geography. In order for us to achieve these goals, the methodology used to do so was through bibliographic readings and analysis of websites that addressed the subject and could contribute to the aforementioned research. Authors such as Francisco Mendonça (2010; 2014) and Nunes (2015), among others, were essential to guide us in this process. Finally, it was understood that Geography went through several factors that placed it on a two-way street, but united with humanity again when it was understood the real meaning of Geographical Science in the historical social context and its importance for understanding the dynamics global social

Keywords: Geography. History of Geography. Physical Geography. Human Geography. Geographical Science.

Resumen

La geografía ha pasado por innumerables controversias, rupturas de campos a estudiar, proyecciones erróneas sobre su importancia como ciencia e importantes enclaves para que hoy podamos tener la Geografía en el medio científico que conocemos. Encuentros y desajustes en sus procesos evolutivos como disciplina social fue un detalle importante que llevó a la Geografía al camino científico en el que se encuentra actualmente, pero su evolución aún persiste ya que la comprensión de lo socioambiental y el estudio del objeto de la propia Geografía lo hace. No deja dudas de que innova cada día y su proceso dinámico en un contexto histórico se ha convertido en un fascinante objeto de estudio. Así, y siendo conscientes de sus características, siendo conscientes de su importante reflexión sobre los

¹ Formada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí no ano de 2018, atualmente faz parte do programa do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás campus Samambaia como mestrandia na linha de pesquisa em Ensino de Geografia com endereço de e-mail mayranayara@discente.ufg.br

contextos geográficos en los que opera, este trabajo se justifica en la medida en que nos permite mirar el aspecto histórico de la Geografía, haciéndonos reflexionar sobre varios aspectos entre ellos su importancia para comprender los caminos de la ciencia geográfica en Brasil. Para ello, nos apoyamos en el objetivo general, que es comprender el contexto geográfico en su sesgo histórico, apoyado en los objetivos específicos, que es analizar cómo se desarrolló el proceso histórico de la geografía como ciencia; interpretar los movimientos históricos de las luchas sociales como referentes para la introducción de la geografía como ciencia en la sociedad y comprender la relación natural-sociedad entre la geografía física y la geografía humana. Para lograr estos objetivos, la metodología utilizada fue a través de lecturas bibliográficas y análisis de sitios web que abordaran el tema y pudieran contribuir a la investigación mencionada. Autores como Francisco Mendonça (2010; 2014) y Nunes (2015), entre otros, fueron fundamentales para orientarnos en este proceso. Finalmente, se entendió que la Geografía pasó por varios factores que la colocaron en una calle de doble sentido, pero volvió a unir al hombre cuando entendió el significado real de la Ciencia Geográfica en el contexto social histórico y su importancia para comprender la dinámica social global.

Palabras clave: Geografía. Historia de la Geografía. Geografía Física. Geografía Humana. Ciencia geográfica.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo geral compreender o contexto geográfico em seu viés histórico procurando analisar como se deu o processo histórico da geografia como ciência; interpretando como os movimentos históricos das lutas sociais interferiram para a introdução da geografia como ciência na sociedade e entender a relação sociedade-natural entre Geografia Física e Geografia Humana. Para isso, utilizamo-nos uma revisão bibliográfica exploratória de artigos e livros em bases digitais disponíveis do *Google Acadêmico*, que contribuíram com a sustentação teórica à pesquisa. Para fundamentar teoricamente o estudo, baseamo-nos em Francisco Mendonça (2010; 2014), Nunes (2015), Dresch (2016), Kozel (2014), Moraes (2007), entre outros que tratam sobre as questões históricas geográfica.

Assim, o artigo apresenta as principais características do contexto histórico referente ao processo de conhecimento da Geografia como ciência bem como os processos de desenvolvimento tanto da Geografia Física quanto da Geografia Humana procurando o entendimento sobre o contexto de lutas sociais na dinâmica geográfica e como esta contribuiu para o processo de perpetuação da ciência geográfica no Brasil e no mundo.

Assim, o presente artigo apresenta um contexto da história da Geografia como ciência, sua importância, suas peculiaridades e como, num contexto geral, as lutas sociais e a implantação do estudo do meio foram cruciais para o desenvolvimento da disciplina geográfica como ciência social que nos anos seguintes se encontra como uma das mais importantes no ramo do estudo sobre os principais meios de relação socioambiental.

METODOLOGIA

O estudo presente tem uma abordagem qualitativa, baseada em Francisco Mendonça (2010; 2014) que descreve os aspectos do conhecimento físico da Geografia e associa ela aos caminhos que percorreram para que hoje tenhamos a ciência geográfica na sua forma dinâmica e estrutural fazendo parte do cotidiano dos cientistas como um todo, bem como a descrição dos objetos de estudo da Geografia nos fazendo refletir quão importante ela é para o entendimento do espaço geográfico unido com os aspectos físicos do ambiente natural.

Em relação aos objetivos, trata-se de um estudo exploratório que, segundo Gerhardt (2009, p. 35), esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Com a proposta de apresentar o contexto histórico da Geografia no âmbito da sua formação como ciência, utilizamos os seguintes critérios: (1) Ferramentas: realizamos nossa pesquisa por meio da internet, especificamente a Plataforma *Google*, onde pudemos encontrar artigos específicos sobre o tema bem como nos foi de grande auxílio livros físicos e navegação em *sites* que nos enriquecesse com temas importantes que abordassem o assunto proposto; (2) Nível de conhecimento: os materiais encontrados foram divididos em pastas após o *download* e organizados por tópicos que tivessem os assuntos elencados entre si; (3) Leituras: o processo de leitura deu-se no decorrer das necessidades dos objetivos específicos para que pudéssemos chegar a uma conclusão plausível bem como correlacionar os autores entre si a respeito dos pontos importantes no decorrer da pesquisa; (4) Escrita: após a análise, leitura e compreensão dos materiais encontrados, autores foram sendo citados no decorrer do processo de escrita em concordância com os resumos feitos durante o processo de leitura, assim a escrita manteu uma linha tênue entre o tema sugerido e a pesquisa realizada.

Por fim, esta análise dos artigos foi crucial para que pudéssemos abordar o tema proposto nesta pesquisa, uma vez que o processo de construção deste trabalho só foi de possível compreensão e análise após o entendimento do quanto rico é esta pesquisa para o meio acadêmico social, pois o estudo da Geografia como ciência perpassou por diversos pontos importantes na sociedade que precisam ser discutidos na academia e divulgado para conhecimento social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer o espaço para nele combater foi uma reflexão instantânea ao término da leitura do livro de Yves Lacoste, “A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra”. Tal raciocínio foi pensado e repensado e, à medida que o conhecimento da história do homem na Terra foi sendo analisada, percebeu-se que esta é uma necessidade inconsciente do ser humano; visto que desde o início, levando em conta aquilo se conhece das relações sociais, o ser humano possui uma afinidade ímpar com a natureza e com tudo que ela pôde/pode proporcionar; podendo também ser força em combate, reforçado por Dresch (2016, p. 03) quando diz que “a geografia foi usada como um meio de propaganda nacional ou internacional, como arma de combate entre Estados e impérios, muito mais talvez do que a própria história.”

Como conhecimento, sabemos que o homem ao longo de sua vida tem feito do seu território um aglomerado de culturas, tornando-o cada vez mais capaz de socializar-se e adaptar-se ao meio em que vive. Essa adaptação do ser humano fez com que relações abertas com o meio natural fossem criadas e, diante disso, o meio tornou-se produto de exploração e comercialização ao longo dos anos – cabe aqui o período colonial do Brasil com a exploração dos recursos naturais – e colocou “novamente ao cenário social a questão da luta de classes, não sobre a apropriação das forças produtivas industrializadas, mas sobre os meios e as condições naturais da produção” (LEFF, 2001, p. 79).

Com isso, a ajuda das novas técnicas de manejo que possibilitavam esta inovação metodologia de integração social com o ser humano estabeleceu uma relação profunda com a natureza, direta e indiretamente, tornamo-nos cada vez mais dependentes dela. Tal dependência

proporcionou ao homem ocupar um espaço cada vez maior e sua área foi sendo reduzida, tendo em vista que a população também crescia consideravelmente.

O que é possível levar em consideração na fase de crescimento populacional era a relação intrínseca do homem com o meio natural; pois, ironicamente, dentre todas as tecnologias criadas com a finalidade do ser humano obter benefícios eficazes ao viver em sociedade; o problema de todo esse conhecimento, destas novas técnicas de manejo socioambiental e de países cada vez mais populosos e, de uma indústria cada vez mais mecanizada; é que podemos considerar que esta relação encontra-se, atualmente, debilitada, sobretudo após o processo de industrialização do planeta, pois a produção de bens materiais, atrelado ao desenfreado uso da retirada da matéria prima sem reposições, tem provocado ao meio natural um dos problemas ambientais mais graves: sua degradação.

Para tanto, a ciência geográfica já se fazia presente desde os primórdios da vida do homem no planeta Terra, uma vez que a natureza nunca foi dissecada do espaço vivido pelo ser humano, pois, como ciência, a geografia usa o meio físico-natural para seus estudos. Para explicar melhor a relação do homem com a sociedade, Humboldt citado por Moraes (2007) descrevia que “entendia a Geografia como a parte terrestre da ciência do cosmos, isto é, como uma espécie de síntese de todos os acontecimentos relativos à Terra”. (MORAES, 2007, p. 62).

Assim, a geografia, que tem na sua gênese a forma de observar o meio natural e tirar dela proveitos para se entender a dinâmica na litosfera, foi sendo construída através de percepções, análises esboçadas em desenhos e pinturas pelos pesquisadores da época, medida, estudada... A geografia foi, inicialmente, a ciência da descrição do planeta e de tudo que nele era possível observar e teve seu eixo principal no século XIX sediada na Alemanha, pois é neste país que, segundo Moraes (2007, p. 58) “aparecem os primeiros institutos e as primeiras cátedras dedicadas a esta disciplina; é de lá que vêm as primeiras teorias e as primeiras correntes deste pensamento” e têm, assim, seus pais fundadores Humboldt e Ritter, cientistas alemães que deram continuidade a ciência geográfica.

Nessa relação, a geografia vai aos poucos surgindo como a emergência do estudo das crises das relações ocorridas na sociedade e no meio físico, ela surge das necessidades básicas do homem entender seu espaço e é na natureza que o ser humano faz seu primeiro contato com o mundo; é nela que o homem atua como ser principal, uma vez que o homem, com domínios de técnicas, pode modificar o meio natural e ter, até certo ponto, controle dele, pois atualmente “a vulgarização de termos como *meio ambiente*, *ecologia*, *natureza* e outros tem apontado muito mais para uma ecogite (doença/inflamação do ecos/hábitat), do que para o enfoque ecologista no sentido de preservação e recuperação da natureza ou do meio ambiente”. (MENDONÇA, 2010, p. 14).

No entanto, ao conhecimento físico do planeta e estudo da geografia para explicar todo o processo dinâmico que ocorria/ocorre na Terra, e por não haver clareza na separação entre os aspectos físicos e humanos, podemos dizer que,

muito influenciada pelo espírito cartesiano, a geografia física lablachiana colocou em vigor os trabalhos de campo promovendo bem marcadas descrições, classificações, comparações e correlações das partes integrantes do conjunto regional, produzido ao final tipologias fisionômicas [...] atribuiu à geografia física numa missão impossível dado o caráter restritivo da abordagem – com abrangência ao nível da região, e podendo ser entendida, por comparações e analogias, para as escalas zonal e planetária (MENDONÇA, 2014, p. 32).

Ainda assim, é importante salientar que “a geografia física não deve se isolar do contexto geral das ciências humanas” (MENDONÇA, 2014, p. 29), uma vez que a ciência humana, entendida como o estudo da dinâmica social, analisa a natureza como criação do meio.

Desse modo, quanto aos aspectos da Geografia humana, Ratzel citado por Moraes (2007, p. 71) propôs uma geografia que

privilegiou o elemento humano e abriu várias frentes de estudo, valorizando questões referentes à história e ao espaço, como: a formação dos territórios, a difusão dos homens no globo (migrações, colonizações, etc), a distribuição dos povos e das raças na superfície terrestre, o isolamento e suas consequências, além de estudos monográficos das áreas habitadas. Tudo tendo em vista o objeto central que seria o estudo das influências que as condições naturais exercem sobre a evolução da sociedade. [...] Ratzel, ao propor uma Geografia do Homem, entendeu-a como uma ciência natural. (MORAES, 2007, p. 71).

Neste viés Kozel (2014, p. 14) defende quando cita que esta relação se deve “em primeiro lugar e fundamentalmente a análise das relações que se estabelecem entre os grupos humanos e os ecossistemas dos espaços onde vivem”. É preciso dizer que, apesar de essas duas ramificações terem tido tantas distâncias no decorrer do processo de formação do pensamento geográfico, a geografia humana traz consigo uma responsabilidade social grande; em decorrência de ser ela responsável pelas diversas outras áreas que a geografia se propôs a estudar e caracterizar a relação que o homem tem com o meio físico.

Logo, tais ramificações são possíveis graças ao grande campo que a ciência geográfica estuda atualmente, mas nem sempre foi assim. A criação da ciência geográfica sofreu diversas modificações no início de sua formação e seu objeto de estudo possui várias descrições e é submetida há vários significados pelos pesquisadores que tentam defini-la até hoje. Uma vez que, para ser consolidada, toda ciência precisa ter seu objeto de estudo definido, sendo conseguir entender claramente “[...] a diversidade do pensamento geográfico, enquanto tendências específicas, no estudo do espaço terrestre; essa diversidade, expressa tanto conceitualmente quanto metodologicamente, encontra-se nas influências das outras ciências sobre a origem e desenvolvimento da geografia”. (MENDONÇA, 2014, p. 17).

É possível ainda dizer que, apesar de seu foco principal ser definir essa dinâmica do meio ambiente com a sociedade e vice versa, ainda não há uma definição única para o pensamento geográfico, o que a torna fascinante; pois cada autor que tenta descrevê-la a enxerga com uma magnitude e entende que todo conteúdo é importante de ser estudado e não tem como dissociá-la do pensar geograficamente.

Para autores como Robert de Moraes, a geografia se define de acordo com seu foco de estudo, com o quadro político que a sociedade se encontra, o engajamento social de que se dispõem e de quem é responsável por fazer a geografia. Moraes (2007, p. 45) cita ainda que “está disciplina discute os fatos referentes ao espaço e, mais, a um espaço concreto finito e delimitável – a superfície terrestre” sendo considerado geógrafo para ele apenas aqueles que “aborde a forma, ou a formação, ou a dinâmica (movimento ou funcionamento), ou a organização, ou a transformação do espaço terrestre”. (MORAES, 2007, p.45)

Em decorrência disso, Mendonça (2014, p. 16) nos traz uma análise geográfica quando nos impulsiona a pensar sobre seu objeto ao citar que “[...] por natureza, a geografia tem um caráter

particularmente heterogêneo; se, por um lado, ela se alinha entre as ciências da natureza, por outro se situa entre as ciências do homem, e daí decorre a busca contínua de sua unidade”.

É nesses momentos de entendimento entre o social e o ambiental que cabem explicações em meio à dinâmica homem-natureza. Sobretudo quando o estudo do meio proporciona ao cientista respostas para a interação social e quando essa interação só é possível pelo entendimento do meio.

Disto isto, a relação de aspectos físicos e os aspectos humanos são compreendidos quando Chorley (1973) citado por Nunes (2015, p. 07), nos diz que

procurava examinar como a abordagem sistêmica em Geografia poderia ser um elo entre os aspectos humanos e os aspectos físicos e concluiu que a abordagem deveria incorporar as atividades humanas e a perspectiva que elaborasse a análise das ligações entre o meio físico e humano. Considera, entretanto, o ‘humano’ mais como conceito antrópico, do que social, ou seja, o homem como ser ativo e atuante no meio natural, em que se desconsideram os conflitos e a lógica da organização espacial desigual.

Ainda assim, podemos tratar mais especificamente disso quando “o momento atual do desenvolvimento técnico-científico do estudo dinâmico da natureza e da sociedade, realizado pela Geografia, propõe que a transformação das paisagens seja realizada a partir da relação histórico-dialética” (NUNES, 2006); e é importante salientar que, segundo Leff (2001) citado por Nunes (2015) “tanto em relação à natureza do meio ambiente (meios bióticos e abióticos), quanto em relação à natureza orgânica dos homens e das mulheres, esses processos biológicos são superdeterminados pelos processos históricos em que se inserem o homem ou a natureza, e são afetados pelas relações sociais de produção”.

Em decorrência desta dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana, há uma relação intrínseca entre meio natural e social; não sendo considerada, conforme Mendonça, uma opção “analisar ou trabalhar somente os fenômenos sociais esquecendo-se do espaço físico sobre o qual eles se desenvolvem”, pois isso se torna algo “[...] incompleto do ponto de vista geográfico” (MENDONÇA, 2014, p. 67).

À vista disso, Bernardes e Ferreira (2003, p.19) citado por Nunes (2015) defende este ponto de vista quando cita que “[...] a natureza se humaniza e o homem se naturaliza, estando a forma historicamente determinada em cada situação. Nesse nível, a troca material é uma relação do valor de uso e, desse modo, a natureza entra em relação com os seres humanos. O fato de o homem viver da natureza tem um sentido biológico, mas, principalmente social”.

Ruy Moreira (2009, p. 37), descreve esta relação quando diz que,

[...] a natureza está no homem e o homem está na natureza, porque o homem é produto da história natural e a natureza é condição ontológica, então, da existência humana. Mas como é o trabalho que está verdadeiramente tecendo a dialética da história, é ele que faz o homem estar na natureza e a natureza estar no homem, segundo forma sempre nova. E o trabalho pode ser esta dialética porque ele não é mais do que um intercâmbio de matéria entre o homem e a natureza, processo que, ao tempo que funde o homem com a natureza, os recria.

Tais definições nos dão uma noção de reciprocidade entre os ramos das ciências geográficas e nos levam a crer que a temática geográfica estava passando por um período de formação científica enquanto o mundo perpassava pela industrialização, guerras, crescimento populacional e movimentos de luta social. Países de ordem capitalistas estavam transformando as matérias primas

em produtos mercantis e, o que antes era feito de forma manual, agora estava sendo um trabalho mecanizado, pois a demanda populacional exigia, cada vez mais, uma produção qualificada, ampla e ágil.

Não só a demanda populacional estava crescendo, mas também, segundo Mendonça (2010, p. 34), o sentimento de dominação de espaços para consolidar posições estratégicas de mando, tal foi o objetivo principal do momento de conflito que ficou conhecido como Segunda Guerra Mundial e que compreendem o período 1939-1945, em áreas específicas como Europa e Ásia. Há, aqui, o pensamento de que em todo conflito surge uma nova ideia/luta, que foi exatamente o que aconteceu; pois “após o grande conflito nascem, de maneira gradual e lenta, algumas iniciativas na Europa e Estados Unidos com o objetivo de preservar o meio ambiente e garantir a paz como forma de relacionamento entre os homens”. (MENDONÇA, 2010, p. 34).

Ainda segundo Mendonça (2010), tais iniciativas tiveram como criação também os movimentos ecológicos que começaram a lutar pela paz a partir dos anos 50. Sendo um movimento ainda não conceituado, pois,

até o início do século XX, o conceito de movimentos sociais contemplava apenas a organização e a ação dos trabalhadores em sindicatos. Com a progressiva delimitação desse campo de estudo pelas Ciências Sociais, principalmente a partir da década de 60, as definições, embora ainda permanecessem imprecisas, assumiram uma consistência teórica, principalmente na obra de Alain Touraine, para quem os movimentos sociais seriam o próprio objeto da Sociologia. Apesar do desenvolvimento que o conceito teve nos últimos anos, não há consenso ainda hoje entre os pesquisadores sobre seu significado. Outros estudiosos do tema, como Alberto Melucci, por exemplo, questionam o conceito de movimentos sociais por considerá-lo reducionista, e empregam preferencialmente o de ações coletivas (GOOS, 2004, p. 01).

Deste modo, os movimentos sociais e/ou lutas sociais, marcado muito fortemente pela comunidade *hippie* foi muito importante para o campo dos ambientalistas, que estava sendo criado na época de 50 e 60; uma vez que ele se tornou um dos períodos mais marcantes, “seja na forma de contestação quanto a tão rígida e normalizada sociedade que impunha um comportamento por demais disciplinas à juventude, seja pela preposição da volta do homem à natureza” (MENDONÇA, 2010, p. 44).

Esta volta do homem à natureza pode ser entendida como período de reencontro com o meio; uma vez que, depois da colonização dos territórios no mundo e o processo de industrialização do planeta, esta relação se encontrava longínquo, pois o ser humano não mais tinha uma ligação direta com o ambiente e que hoje essa ligação está sendo marcada pela degradação do ambiente natural.

Foi nesse processo de crescimento populacional que a qualidade de vida do homem começou a ser um caos a partir do momento que,

O processo de industrialização desrespeitou a dinâmica dos elementos componentes da natureza [...]. Essa degradação tem comprometido a qualidade de vida da população de várias maneiras, sendo mais perceptível na alteração da qualidade da água e do ar, nos ‘acidentes’ ecológicos ligados ao desmatamento, queimadas, poluição marinha, lacustre, fluvial e morte de inúmeras espécies animais que hoje se encontram em extinção. A degradação do ambiente e, conseqüentemente, a queda da qualidade de vida se acentua onde o homem se aglomera: nos centros urbanos-industriais. Aqui, os rios, fundos de vales e bairros residenciais periféricos dividem o espaço com o lixo e a miséria (MENDONÇA, 2010, p. 10).

É irônico considerar que, num dado momento de evolução tecnológica, conquistada pela inteligência e práticas com o uso das novas ferramentas para garantir o bem estar populacional e aumentar a produção agrícola, o mundo perpassasse por uma via de mão dupla atualmente; pois, de um lado temos a tecnologia acentuando novas pesquisas, descobrindo novas fórmulas de cura e/ou tratamento diante da ciência mundial e, através das tecnologias de rede, podemos nos conectar com mais da metade da população em um alcance muito maior do que nossos olhos podem ver; e, por outro lado, temos a degradação do meio, o uso desenfreado dos recursos naturais, a aglomeração urbana, uso inadequado do solo, problemas de miséria extrema e fome.

É importante considerar também que junto às novas tecnologias, o mundo se dividindo entre dois grandes sistemas econômicos, o capitalismo, que visa o lucro através da acumulação de capitais; e o socialismo, que tem como base a extinção social dividida pelas classes econômicas, o bem comum e a divisão igualitária dos bens de produção; alguns problemas quanto à miséria levantaram uma questão social poderosa na África, que estava passando, nos anos 60 e 70 por uma acentuada seca. Tal fato deu ao mundo o exemplo das disparidades sociais, o que constituiu, “naquele momento [...] armas que reforçaram as lutas pela vida com qualidade; pelo ambiente sadio; pelo direito de todos a uma vida melhor”. (MENDONÇA, 2010. p. 43).

Não é surpresa dizer que a geografia, como ciência neste âmbito, esteve a par desses assuntos, pois o tema “meio ambiente” sempre esteve presente na história da humanidade, o que difere de seus movimentos e como a população em si lida com esses problemas, são os períodos históricos, ou seja, em que era que acontecem os fatos, levando em consideração que o conhecimento científico apenas foi um pilar para sustentar esta demanda que crescia proporcionalmente à população. Esta é uma reflexão pertinente, pois, como o conhecimento deste contexto não perpassa apenas pela geografia, é importante dizer que é preciso entender a gênese e como esta temática vai ser tratada.

É nessa relação, homem-natureza, que a Geografia se institui, pois uma coexiste na outra. São essas limitações humanas que foram questionados por muito tempo pelos primeiros geógrafos do mundo, onde a curiosidade pelos porquês das coisas se tornou tão útil aos pesquisadores que caminhavam milhares de quilômetros para tentar entender a dinâmica do planeta Terra e como está se formou; pois, a singularidade geográfica diante da ciência social, tem interesses intrínsecos para o zelo da sociedade.

Dito isso, os ambientalistas que, nos anos 50, caracterizaram os movimentos sociais por um desejo da coletividade, buscando um mesmo propósito/objetivo, vinham a ter cunho socialmente relevante e emanavam cada vez mais no mundo tendo reconhecimento no espaço social, dando origem há várias culturas, etnias; caracterizando um marco também para a vida coletiva socioambiental, levando em conta alguns fatores relevantes quanto à descoberta desta luta diferenciada que estava ganhando cada vez mais adeptos graças à introdução da geografia no cerne da questão, definido aqui por movimento social.

Outro ponto que continuava sendo motivo de preocupação para os grandes pesquisadores e ambientalistas da mesma época persistiam sendo o aumento populacional desenfreado no planeta; pois, o processo de crescimento demográfico, afetou - e afeta -, diretamente o meio ambiente,

considerado, por Whitehead (1993) citado por Nunes (2006, p. 08) como “espaço em que a natureza humana vive e interage em sociedade, de forma harmônica ou conflituosa com a natureza (biótico e abiótico)”; assim, sem o controle da população, os recursos naturais poderiam desaparecer da Terra em um tempo considerado relativamente curto, o que é inegável também considerar que o fato da ideologia do consumismo ser considerado um ponto forte na diferença das condições de vida, acabou levando a população a dois extremos: “miséria humana e [...] a concentração de riquezas”. (MENDONÇA, 2010. p. 12), esta última sendo caracterizada até hoje em qualquer civilização.

Todo processo desencadeou uma preocupação com o meio natural e a ONU² (Organizações das Nações Unidas) decidiu reunir os maiores líderes mundiais para a realização, em 1972, na cidade de Estocolmo, na Suécia, uma busca eficaz no combate a degradação que estava sendo levantada por ambientalistas.

Assim, problemas ambientais tiveram mais ênfase e se fez necessário o uso de medidas eficazes capazes de sanar o infortúnio causado pela ação do homem no meio natural, tais como,

o desmatamento, a perda de diversidade genética dos recursos bióticos, a extinção de espécies, a erosão dos solos e a perda da fertilidade das terras, a desertificação, a contaminação química da atmosfera, dos solos e dos recursos hídricos, a produção e a disposição de resíduos tóxicos e lixo radioativo, a chuva ácida gerada pela industrialização e a destruição da camada foliar das florestas, o aquecimento global e a rarefação da camada de ozônio (LEFF, 2001, p. 89).

Desse modo, a pontuação do que precisava ser feito e quando foi importante porque acabou descrevendo os principais problemas que perpassava no mundo, além de dizer que essas causas estavam tendo um crescimento ininterrupto sendo, por sua vez, importante ponto a ser diminuído.

Foi dessa forma que a Primeira Conferência Mundial do Desenvolvimento e Meio Ambiente, constituiu um evento importante direcionado ao tratamento do discurso das “questões ambientais” e abriu diversas portas para que o assunto fosse revisto em todo mundo, uma vez que os grandes líderes se comprometeram em assumir responsabilidades, tomar medidas eficazes e conscientizar a população ao papel socioambiental.

Deste modo, a Primeira Conferência Mundial do Desenvolvimento e Meio Ambiente, constituiu um evento importante direcionado ao tratamento do discurso das “questões ambientais”. Vale salientar que para Mendonça (2010) essa conferência foi o primeiro passo que os grandes países deram para salvar o mundo de um colapso, o que não foi suficiente; pois a segunda conferência, também de cunho ambiental e com propostas mais claras, aconteceu apenas vinte anos depois, no Rio de Janeiro por volta de julho de 1992; o que é considerado tardio para um assunto importante, pois essa relação permanece em constante transformação.

Assim sendo, as lutas sociais e ecológicas foram tomando corpo e voz, e os ambientalistas conseguiram, por intermédio dessas lutas, ganhar força. E hoje o tema “degradação do meio natural” é algo trabalhado em bairros, nas comunidades e nas escolas de todo o mundo; as questões ambientais tornaram-se mais delicadas do ponto de vista social; e, há inúmeros cientistas que levam questões ambientais para as Universidades, professores que levam e fazem trabalhos voltados para essa

² A ONU é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundial. FONTE: ONUBR. Disponível em <https://nacoesunidas.org/conheca/>

questão e país que ensinam seus filhos a cuidar melhor da natureza com a divisão na hora de se jogar o lixo no “lixo”, por exemplo. Tais questões estão fazendo com que essa se torne um conhecimento amplo para que medidas certas sejam levadas em consideração e pesquisas sejam feitas, a fim de proporcionar ao homem uma relação mais saudável com o ambiente natural – e vice-versa.

É importante se atentar que em relação às diversas lutas, segundo Gonçalves (2006, p. 18) perpassaram por uma linha contínua de pensamento geográfico, uma vez que abrange as lutas diversificadas, sendo eles os “operários, os camponeses, os indígenas, as mulheres, os negros, os homossexuais, os jovens, etc. que se organizam e lutam”. Todos que, por influência de uma única perspectiva, lutam por seus direitos.

Aqui cabe o surgimento dos movimentos ecológicos no Brasil, que

emerge na década de 1970 em um contexto muito específico. Vivia-se sob uma ditadura que se abateu de maneira cruel sobre diversos movimentos como o sindical e o estudantil. A nossa esquerda de então acreditava que o subdesenvolvimento do país se devia fundamentalmente à ação do imperialismo, que tinha como aliado a oligarquia latifundiária. Essa era a razão do atraso e da miséria em que vivia o povo brasileiro e, em decorrência, deveríamos nos bater por uma revolução antiimperialista, de caráter popular, e com o apoio de setores da burguesia nacional. Assim, acreditava-se, estaria aberto o caminho para a modernização da sociedade brasileira, etapa necessária para consolidar uma classe operária que pudesse empunhar a bandeira do socialismo (GONÇALVES, 2006, p. 13).

Após esse período, alguns políticos que estavam na Europa, voltam ao Brasil e trazem consigo movimentos ecológicos mais consolidados e se juntam aos que aqui estão. Essa ligação se materializa mais especificamente no Rio Grande do Sul, onde, segundo Gonçalves (2006, p. 16), a AGAPAM (Associação Gaúcha de Preservação Ambiental) reuniu ecologistas a partir da luta contra a Borregaarde, empresa multinacional que poluía as águas do Rio Guruba, na Grande Porto Alegre e onde José Lutzemberger, ex-agrônomo de uma grande empresa multinacional de agrotóxicos, rompe com a perspectiva da agroquímica e assume profundamente a causa ecológica e social. A maior parte dos exilados políticos que abraçam a causa ecológica se concentra no Rio de Janeiro, estado onde já se desenvolviam algumas lutas ambientalistas, sobretudo no nortefluminense (Campos e Macaé, por exemplo) e em Cabo Frio (luta pela preservação das dunas).

Desta maneira, o surgimento dos movimentos ambientalistas se destaca na medida em que as lutas se consolidam no território brasileiro; e isso faz com que muito contribua para o pensamento geográfico e tenha, nessa ciência, bases capazes de auxiliar nas ações de combates aos processos de degradação ambiental e de entendimento do homem no ambiente em que se situa fazendo com que ele possa entender, assim, sua relação com o espaço, uma vez que isto é a geografia: ela une os movimentos de lutas, as ciências físicas, as relações da dinâmica no âmbito social e os aspectos físicos para buscar entender a dinâmica socioambiental tentando descrevê-la em sua ciência.

Logo, quando tratamos do reconhecimento do homem e sua volta ao ambiente natural, tratamos aqui do processo evolutivo da geografia, de como ela se dava no início de seu pensamento geográfico e o quanto o reconhecimento do lugar e, principalmente, do indivíduo enquanto ser social e que interage diretamente com o meio, sendo responsáveis por inúmeros procedimentos que afetam ou beneficiam a natureza, é importante para todo desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente natural se tornou um importante estudo no contexto social como um todo, especificamente quando tratamos deste meio com as questões ambientais e quando procuramos, em sociedade, viver em um ciclo perfeito com o ambiente. Neste contexto, a Geografia se faz presente na sutileza de sua existência como ciência.

Em um contexto histórico onde a diversidade entre pesquisadores que apontam diversas nomenclaturas para o objeto de estudo geográfico, bem como a diversidade de estudos de cunho físico e humano, além de trazem questões de lutas sociais que podem ser tratadas como uma pauta fundamental para a permanência da Geografia como ciência, podemos considerá-la a ciência das múltiplas interpretações, onde se possui diversos caminhos a serem avaliados, mas um mesmo objeto de estudo que é o espaço geográfico, este mesmo que é ocupado pelo meio natural no qual os eventos ambientais buscam um modo de equilibrar tal relação.

Portanto, hoje, ao estudar o meio geográfico e classificá-lo como a ciência da dinâmica na relação sociedade e ambiental, é impossível desconectar esta relação, uma vez que uma coexiste na outra; fato esse defendido pelos grandes geógrafos desde sua criação até a atualidade.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, J. A.; FERREIRA, F. P. de. **Sociedade e natureza**. In: GUERRA, Antônio José Teixeira, CUNHA, Sandra Baptista da. A questão ambiental: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. IN. NUNES, João Osvaldo Rodrigues et al. A influência dos métodos científicos na Geografia Física. Terra Livre, v. 2, n. 27, p. 121-132, 2015.

DRESCH, Jean. **Reflexões sobre a geografia**. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), v. 20, n. 1, p. 207-214, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 14. ed.- São Paulo: Contexto, 2006.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado**. Em Tese, v. 1, n. 2, p. 75-91, 2004.

KOZEL, Salete. MENDONÇA, Francisco, org. Elementos de epistemologia da geografia contemporânea; [revisão de texto Maria José Maio Fernandes Naime]. - [Curitiba]: ed. da UFPR, 2002, Reimpressão 2004. 1ª ed. ver. 2009.

LEFF, Enrique; VALENZUELA, Sandra; VIEIRA, Paulo Freire. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, Francisco de Assis. Geografia e meio ambiente. 8. ed. 3ª reimpressão - São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MENDONÇA, Francisco de Assis. Geografia física: ciência humana?. 8. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014. - (Repensando a Geografia).

MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. - 21ª ed. - São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2ª ed. revista e atualizada. Brasiliense, 2009.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues et al. **A influência dos métodos científicos na Geografia Física**. Terra Livre, v. 2, n. 27, p. 121-132, 2015.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues. **Uma contribuição metodológica ao estudo da dinâmica da paisagem aplicada à escolha de áreas para a construção de aterro sanitário em Presidente Prudente-SP**. 2006.

WHITEHEAD, A. N. **O conceito de natureza**. São Paulo Martins Fontes, 1993. IN. NUNES, João Osvaldo Rodrigues et al. **A influência dos métodos científicos na Geografia Física**. Terra Livre, v. 2, p. 119-130, 2006.